

Epistemologia da geografia cultural: uma nova perspectiva na análise socioespacial**Epistemology of cultural geography: a new perspective in social-spatial analysis**Alyne Karollayne Melquiades Souza da Silva¹Emilly Domingos da Silva²Maxwell Cavalcanti Xavier³Eugênia Maria Dantas⁴**Resumo**

A geografia cultural remonta-se como uma importante corrente nas ciências geográficas. Essa, que ao longo dos anos vem sofrendo diversas transformações, é um âmbito das sapiências que possui fundamental importância, pois exprime a realidade social do ser-e-sentir no mundo. Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre o percurso epistemológico da geografia cultural e as atuais reverberações da corrente na contemporaneidade. Quanto ao caminho metodológico adotado, pautou-se em um levantamento bibliográfico e sistematização de ideias referentes a autores como Corrêa (2000), Claval (1999; 2002; 2007; e 2011), Cosgrove (1999; e 2011) e Sauer (2011), Tuan (1980; 1983). Posterior a isso, utilizou-se da técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (1977) buscando-se enfatizar o percurso que seguiu a Geografia Cultural desde sua gênese. Nessa senda, destaca-se que a nova geografia cultural, é pautada no vivido espacial, dando ênfase às memórias, aos sentimentos e ao pertencimento que embebe o cotidiano do sujeito. De modo que conceitos como o de paisagem, ressurgem buscando se distanciar do modo narrativo e comparativo a qual era tratado na Geografia Tradicional, passa a ser pautado no enraizamento do ser humano, sendo a paisagem um espelho que reflete a complexidade das ações antropogênicas através de sua morfologia; o lugar passa a ser analisado através do crivo do viver e sentir, como amplamente tratado por Yi-Fu Tuan (1983).

Palavras-chave: geografia cultural; lugar; paisagem.

¹ Doutoranda em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGE-UFRN). Mestre em Geografia (PPGE-UFRN); alykarollayne@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6507-608X>.

² Doutoranda em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGE-UFRN). Mestre em Geografia (PPGE-UFRN); Emillydoomingos@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7165-5352>

³ Doutorando em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGE-UFRN). Mestre em Geografia (PPGE-UFRN); maxcavalcanti@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7777-2549>

⁴ Professora titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGe/UFRN, Professora do programa de Mestrado Profissional em Geografia – GEOPROF; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-7082>

Abstract

Cultural geography has emerged as an important current in geographic sciences. This, which over the years has undergone several transformations, is an area of wisdom that is of fundamental importance, as it expresses the social reality of being-and-feeling in the world. In view of the above, this article aims to reflect on the epistemological path of cultural geography and the current reverberations of the current in contemporary times. As for the methodological path adopted, it was based on a bibliographical survey and systematization of ideas referring to authors such as Corrêa (2000), Claval (1999; 2002; 2007; and 2011), Cosgrove (1999; and 2011) and Sauer (2011), Tuan (1980; 1983). After this, the content analysis technique according to Bardin (1977) was used, seeking to emphasize the path that Cultural Geography has followed since its genesis. Along this path, it is highlighted that the new cultural geography is based on spatial experience, emphasizing the memories, feelings and belonging that permeate the subject's daily life. So that concepts such as landscape resurface, seeking to distance themselves from the narrative and comparative mode that was treated in Traditional Geography, starting to be based on the rootedness of the human being, with the landscape being a mirror that reflects the complexity of anthropogenic actions through its morphology; the place begins to be analyzed through the sieve of living and feeling, as extensively treated by Yi-Fu Tuan (1983).

Keywords: cultural geography; place; landscape

Introdução

Faz-se notório que a cultura é elemento intrínseco ao existir social e que possui em seu cerne a característica da realidade espaço-temporal, na medida em que condiciona as comunidades (Claval 2007) devido a sua capacidade de modificar e ressignificar o espaço com base nas experiências vivenciadas pelos indivíduos. Para além disso, cabe a produção e apropriação simbólica do espaço, a qual vivifica o mundo e as sociedades pelos modos de estilo de vida existentes (Cosgrove, 2011). Portanto, é a partir dessa comunhão que as comunidades em suas dinâmicas interagem e fomentam suas relações com os lugares, atribuindo a eles significados por meio da composição seus costumes e fazeres característicos (Claval, 2007). Por consequência a tais concepções que se observa o crescimento fortuito do interesse geográfico pela apreensão de tais fundamentos, motivados ao impulso de se apreender a “[...] dimensão da interação humana com a natureza e seu papel na ordenação do espaço” (Cosgrove, 2011, p. 103).

Essa inquietação que se evidencia em um primeiro momento na escola alemã, que apresenta em sua fundação a visão de que a paisagem oferecia uma base para a percepção das diferenciações das comunidades (Holzer, 2000) perpetuando por muito tempo. De fato, esse conceito geográfico oferece aos estudos culturais um objeto propício para a compreensão de como se dá relações culturais (Claval, 2007).

No entanto, ao longo do tempo, essa dinâmica vem se alterando e correlacionando o conceito de lugar a um local de destaque nas nuances culturais, por meio dos sentidos, da experiência e do vivido. Dado isso, se faz necessário ressaltar que a geografia cultural vem buscando o entendimento da “[...] experiência dos homens no meio ambiente e social” (Claval, 2002, p. 20), possuindo, por meio deste movimento, o intuito de “[...] compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas.” (Claval, 2002, p. 20).

Essas concepções correlacionam-se com as ideias de Yi-Fu Tuan (1983), na medida em que as experiências e emoções se interligam e fornecem ao mundo exterior e ao lugar uma caracterização particular a cada sujeito e indivíduo, gestando por meio disso uma relação *sui generis*. É devido a isso, que se observa na Geografia Cultural uma gama de colocações e classificações que se interrelacionam direta ou indiretamente, formando um vivido caleidoscópio de abordagens e compreensões.

Nesse caminho interpretativo, toma-se como essencial no presente artigo a busca por preencher possíveis lacunas na compreensão da elaboração, consolidação e principais autores da área da Geografia Cultural, visando fazer um apanhado desde sua gênese até os dias atuais. Assim como, se almeja destacar os principais pontos dos autores e principais escolas da Geografia Cultural, a fim de auxiliar na manutenção da epistemologia da ciência geográfica e da abordagem cultural. Com base em tais apontamentos, chamamos atenção para a questão central que norteia o presente artigo: Como a Geografia Cultural se reestruturou de sua gênese até os dias atuais? Visando responder de forma satisfatória tal questionamento, temos como o objetivo geral refletir sobre o percurso epistemológico da geografia cultural e as atuais reverberações da corrente.

Para a efetivação do objetivo aqui proposto, o caminho metodológico pautou-se em um levantamento bibliográfico e sistematização de ideias referentes a autores como Corrêa (2000), Claval (1999; 2002; 2007; e 2011), Cosgrove (1999; e 2011) e Sauer (2011), Tuan (1980; 1983). Posterior a isso, utilizou-se da técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (1977) buscando-se enfatizar o percurso que seguiu a Geografia Cultural desde sua gênese.

Através desse mecanismo de análise foi possível compreender o conhecimento científico contido nos documentos e representar o máximo de pertinência sobre o assunto. Portanto, passamos do documento primário para o documento decantado, no qual tornou-se apreensível que as vertentes que perpassam esse eixo geográfico se pautavam em viés histórico e super-orgânico, até a nova Geografia Cultural que busca entender as nuances espaciais que são crivadas pela intersubjetividade humana, crivada por afetações, singularidades e sentimentos. Desse modo, procura-se uma retomada epistemológica da Geografia Cultural, transpassando pelos seus principais expoentes chegando às atuais particularidades metodológicas da corrente cultural.

Mediante a isso, o trabalho se estrutura de forma que inicialmente se apresenta uma breve aproximação com a temática abordada, efetuando uma retomada sobre o que é Geografia Cultural e sua importância aos estudos geográficos. Posteriormente, segue-se um fluxo lógico que perpassa as colocações de autores basilares, tais quais Paul Claval e Carl Sauer, juntamente com o destaque para a relevância da escola de Berkeley. Em um outro momento, se traz o enfoque de uma perspectiva atual partindo de uma relação entre Yi Fu Tuan e Marandola Junior, assim como, apontam-se as contribuições de Denis Cosgrove para uma abordagem dialética na Geografia cultural. Por fim, foram postas as considerações finais obtidas da execução desse artigo.

A Geografia Cultural tradicional

Tendo suas origens nas correntes Europeias e Norte Americanas, que são caracterizadas pela adoção de inúmeros temas que passam a definir uma tradição fundamentada no historicismo cultural. Segundo Paul Claval, a abordagem cultural na Geografia Humana, tem como fundamento duas principais abordagens, sendo essas:

[...] para a maioria dos geógrafos culturais, a geografia cultural aparece como um subcampo da geografia humana. Para eles, a sua natureza é semelhante à da geografia econômica ou da geografia política. Para uma minoria - e eu faço parte dela - todos os fatos geográficos são de natureza cultural. Esses geógrafos preferem falar de abordagem cultural na geografia e não de geografia cultural (Claval, p. 147, 2011).

Em vista disso, Claval (2011) em suas discussões sobre a ciência geográfica, aponta que até início do século XX, grande parte dos geógrafos ignoraram a comunhão entre o ambiente e o homem. A disciplina, desde suas origens Gregas, interessa-se pela diversidade regional (Claval, 1999). Com o desenvolvimento da geografia humanista no século XIX, as descritivas da cultura passaram a ser uma das prioridades da corrente. Embasado no positivismo, que era soberanamente difundido, nesse quadro as representações e ideias eram deixadas de lado, pois divergiam das matrizes dominantes. Nessa perspectiva, percebemos que “[...] destacava-se os aspectos materiais das culturas, o vestuário, o habitat, os utensílios e as técnicas”. Portanto, a geografia cultural pretendia analisar os modos de vida dos grupos humanos (Claval, 1999, p. 60).

Todavia, ao falar-se de Geografia Cultural não se pode deixar de citar Carl Sauer e a “Escola de Berkeley”. Carl Ortwin Sauer (1889-1975) foi o responsável pela criação das premissas e conceitos que deram origem à “Escola de Berkeley”, estando diretamente ligada à formação de uma geração de geógrafos, e segue até hoje influenciando as atuais gerações de geógrafos humanistas. Na medida em que a Geografia Cultural apresenta na história um papel fundamental tendo em vista sua forma de observação das ações do homem sob a superfície terrestre, a Escola de Berkeley (1889-1975), pode ser citada como um desses expoentes que caracterizou a Geografia Cultural Estadunidense. Posteriormente, em meados do século XX ganha novas abordagens, relacionadas às matrizes fenomenológicas.

Um clássico: Sauer e suas contribuições

Neste momento inicial em que se propõe a discutir a obra de Carl Sauer, vale ressaltar o contexto em que foi produzida. O pesquisador é de uma pequena cidade de Warrenton, no Missouri, criada por alemães metodistas. Uma das obras teóricas mais importantes de Sauer

é *The Morphology of Landscape*⁵, de 1925, no qual Sauer revigora a Corologia, isso é a distribuição das espécies de seres vivos, como uma importante área de estudos da geografia. O historicismo em Sauer é fortalecido em Berkeley, em meados de 1923, segundo Corrêa (2001a):

Com os antropólogos Alfred Kroeber e Robert Lowie, e com o historiador Herbert Bolton: Com o primeiro, Sauer aprendeu que a cultura é um fenômeno que se origina, difunde-se e evolui com o tempo e no espaço, sendo compreendida no tempo e traçável no espaço; com o último aprendeu ‘como as coisas se tornam’ (Corrêa, 2001a, p. 12).

Diante do exposto, o historicismo que acompanhava ele durante sua trajetória acadêmica, fez com que rejeitasse o determinismo ambiental que dominava a geografia americana junto ao positivismo. Desse modo, foram as contribuições postas por Sauer nesse trabalho que corroboraram para a fomentação norteadora da Geografia Cultural Norte-Americana. Ocorre, então, a valorização da relação do homem e a paisagem (meio ambiente) que por ações antropogênicas é transformado, habitado e vivido.

Desse modo, a análise da paisagem é pautada na comparação com as demais, buscando aproximações orgânicas, o que corrobora para com uma visão reducionista da paisagem como integral, culminando na individualização da geografia enquanto disciplina. Em suas obras, o geógrafo apresenta uma vasta multiplicidade e riqueza, que perpassa para além de seu falecimento em 1975, pois seus discípulos reuniram e publicaram textos inéditos após o acontecimento, sendo eles: *The morphology of landscape* (1925); *Recent Developments in Cultural Geography*⁶ (1927); *Foreword to Historical Geography*⁷ (1941); e *The Education of a Geographer*⁸ (1956).

Segundo Corrêa (2001a, p. 14) o viés dessas publicações se enveredou pelas “[...] críticas ao determinismo ambiental e a afirmação da geografia como história espacial da cultura”. Por isso, constata-se um esforço em conectar à geografia estadunidense uma

⁵ *The Morphology of Landscape*, por Carl Orwitin Sauer, *University of California Press*, 1925, p. 19-53.

⁶ *Recent Developments in Cultural Geography*, por Carl O. Sauer, in: HAYES, E. C. (org.) *Recent Development in the Social Science*. New York: Lippincott, 1927, p. 154-212.

⁷ *Foreword to Historical Geography*, por Carl O. Sauer, *Annals of the Association of American Geographers* vol. 31, nº 1, 1941, p. 1-24.

⁸ *Education of a Geographer*, por Carl O. Sauer, *Annals of the Association of American Geographers* vol. 46, nº 3, 1956, p. 287-299.

identidade. Diante desse quadro, a paisagem geográfica passa a ser estudada como um conjunto de formas antropogênicas criadas sob a natureza, esse seria o objetivo principal da geografia, em que as formas, gênese, estruturas e funções devem ser compreendidas e descritas de modo articulado.

Entre todo o vasto material fomentado por Sauer, ressalta-se aqui dois estudos, pois estes demonstram sua preocupação com a história da cultura, sendo esses, *Homestead and Community in the Middle Border*⁹ (1962) e *Status and Change in the Rural Midwest – a retrospect*¹⁰ (1963), que se faz uma retomada histórica da dinâmica regional dos fatores de transformações econômicas, sociais, culturais e na natureza. Vale citar ainda o interesse de Sauer por grandes temas como a paleogeografia em *A Geographic Sketch of Earth Man in America*¹¹ (1944); biogeografia e ações humanas na natureza em *Mapping the Utilization of Land*¹² (1919). Porém, de acordo com Corrêa (2011), a maior contribuição de Sauer para a Ecologia Cultural está em *Agency of Man on the Earth*¹³ (1956), no qual ocorre a análise de intervenção do homem ao meio associado aos efeitos da historicidade acumulada, com suas especificidades e singularidades no tempo e no espaço. Por fim, pode-se inferir que a ecologia cultural foi uma das preocupações centrais na obra de Sauer tendo em vista todo seu esforço de compor um escopo significativo sobre tal concepção.

Escola de Berkeley: um expoente da/na geografia cultural

A Escola de Berkeley é considerada um ponto singular no tocante às pesquisas e estudos que inter-relacionam os processos histórico-culturais e a ecologia, segundo Mathewson e Seemann (2008, p. 81) “[...] a questão das origens do cerrado (savanna) nos trópicos, a domesticação de plantas e animais e o desenvolvimento de técnicas indígenas para a agricultura”, são exemplos de temas que foram amplamente explorados na Escola de

⁹ *Homestead and Community in the Middle Border*, por Carl O. Sauer. *Landscape*, vol. 12, nº 1, 1962, p. 3-7.

¹⁰ *Status and Change in the Rural Midwest – a retrospect*, por Carl O. Sauer, *Mitteilungen der Österreichischen Geographischen Gesellschaft*, 105, 1963.

¹¹ *A Geographic Sketch of Earth Man in America*, por Carl O. Sauer, *Geographical Review*, vol. 34, nº 4, 1944, p. 529-573

¹² *Mapping the Utilization of Land*, por Carl O. Sauer, *Geographical Review*, vol. 8, nº 1, 1919, p. 47-54.

¹³ *Agency of Man on the Earth*, por Carl O. Sauer, *University of Chicago Press*, 1956.

Berkeley. Pode-se citar essa multiplicidade temática abordada em Berkeley, a partir das pesquisas de William Denevan sobre as savanas no norte da Bolívia, estudos sobre estratégias de vida pré-colombianas, marcada por solos pobres, devidos ao processo de lixiviação seguida por grandes períodos de estiagens, e como os povos passaram a lidar e conviver de modo bem-sucedido com as especificidades do lugar.

As ideias propostas por Denevan, combinadas com as pesquisas do geógrafo Hilgard O'Reilly Sternberg sobre a Amazônia, tornaram-se pontos de partida para entender a complexidade e a biodiversidade existente na região. De modo geral, os estudos desenvolvidos na Escola de Berkeley apresentam rica diversidade temática não restringindo-se a estudos sobre o meio ambiente e agricultura, esses abordavam atividades primárias e seus impactos ambientais crivados pela perspectiva histórica-cultural. Nesse quadro, a Escola de Berkeley corroborou para com a consolidação da história ambiental que se consolidou em meados dos anos 1970. De modo que se buscava explicar as matrizes paisagísticas do presente, através da história e das práticas que fomentaram sua morfologia atual.

No entanto, a Escola de Berkeley sofreu inúmeras críticas, tendo em vista que o processo de renovação da Geografia Cultural, na década de 1970, deve-se em parte às críticas direcionadas à Escola de Berkeley. Segundo Corrêa (2001a), Hartshorne (1939) tece críticas aos geógrafos culturais, pois esses teriam privilegiado a cultura, em detrimento aos múltiplos elementos que influenciam as dinâmicas de uma área. Já os geógrafos teóricos-quantitativos argumentam que os que seguiam a corrente cultural, pautavam-se apenas em um viés histórico e deixavam de lado o presente e se interessam por temas pouco relevantes.

De acordo com o que seguia a corrente crítica, a Geografia Cultural Norte-Americana estava pautada no critério de classes e etnia que influíam crenças e valores na vertente cultural. Outro apontamento é que as pesquisas eram patrocinadas pelo Estado Norte-Americano, no qual o resultado era utilizado como fonte de informações antirrevolução, em áreas culturais “não-ocidentais” (Corrêa, 2000b). Outro ponto fortemente apontado por James Duncan é a utilização do conceito super-orgânico cunhado por Herbert Spencer, o fundador do Darwinismo social. Ou seja, a cultura era tratada como essência corporificada

que estava acima do homem. O conceito super-orgânico foi amplamente aceito pelos Sauerianos, põe a realidade dividida como orgânica e super-orgânica. A cultura está no segundo nível, passa a fazer parte do indivíduo de um grupo que o internalizam e assim a cultura passa a ser homogeneizada. O que passa a gerar um determinismo cultural, em que nas palavras de Corrêa *apud* Duncan (2000, p. 26) “[...] o indivíduo era um mero agente de forças culturais”. Desse modo, ao tentar se distanciar do determinismo ambiental, Suer e os seguidores de sua corrente se aproximavam cada vez mais do determinismo cultural. Uma versão da corrente a qual ele desejava se afastar.

Após 50 anos de história pautadas pela multiplicidade de produções intelectuais, a Escola de Berkeley tem um declínio no seu prestígio, após sofrer inúmeras críticas principalmente as que advinham de modo interno, corroboraram para o surgimento da denominada nova Geografia Cultural, porém se destaca que os novos preceitos da nova geografia não suprimiram totalmente para como as nuances Suaerianas. Vale ressaltar, também, que a Escola de Berkeley foi um expoente no tocante ao desenvolvimento da Geografia Cultural nova, mesmo passando por inúmeras críticas, essa representa um marco no tocante às ciências humanísticas tendo em vista todas as suas contribuições teóricas metodológicas.

A nova Geografia Cultural: um novo panorama do viver e sentir

Segundo Claval (1999), a geografia cultural entrou em declínio por volta de 1950, por três principais razões: a) tratar a cultura sem suas representações; b) impulsionamento do progresso técnico; e por fim, c) uma transição para uma sociedade citadina e nesse campo as atividades se diversificam. Muitos geógrafos acreditavam que essa estava em viés de extinguir-se, entretanto, em meados de 1970 a Geografia Cultural exterioriza-se como uma importante corrente da geografia. Nesse sentido, Corrêa (1999) afirma que:

[...] o ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da organização espacial e sua dinâmica. A dimensão da cultura torna-se necessária para a compreensão do mundo (Corrêa, 1999, p. 51).

Sendo assim, a nova Geografia Cultural leva em conta inúmeros fatores como, a cultura, o materialismo histórico, as memórias, as vivências, o sentir e a experiência, indo além da cultura, tratando o espaço como reflexo social, condicionante e condicionado por atores sociais. Vale ressaltar importantes periódicos especializados na área como *Géographie et Cultures* e *Ecumene* que foram fundamentais para a disseminação e fortalecimento da nova Geografia Cultural.

Consoante com o que está posto por Claval (1999, p. 62) entende-se que “[...] a uniformização da técnica não cessa de se afirmar, mas a resposta de populares que vêm se dissolver algumas das marcas mais antigas de suas identidades é mais forte do que se esperava”. Nesse quadro, o ritmo de vida crivado por sentimentos ganha novos enraizamentos e passa a embater a lógica de padronização da vida regida pelos produtos e o consumir.

De forma que a multiplicidade cultural perde sentido se pautado no conteúdo material. Na contemporaneidade, essa se liga à diversidade dos sistemas de representações e símbolos que, de modo simbiótico, interioriza-se e permite às pessoas a se reconhecer na coletividade (Claval, 1999).

No contexto pós-moderno, conforme Claval (1999), a concepção que se tinha de ciência ruiu e passa a evoluir rapidamente, as críticas direcionadas ao positivismo são cada vez mais aprofundadas. Nesse quadro, as particularidades antropogênicas, seus grupos e lugares passam a serem vistas como variáveis de acordo com a temporalidade e o local, de modo que “[...] sua natureza é, ao mesmo tempo, material, histórica e geográfica” (Claval, 1999, p. 63).

A Geografia Cultural, na contemporaneidade, ganha novos ares de complexidade “[...] para todos aqueles que aceitam a crítica pós-moderna, a cultura designa o conjunto de *savoir-faire*, de práticas, de conhecimento, de atitudes e de ideias que se interiorizam, modificam ou elabora no decorrer da existência” (CLAVAl, 1999, p. 64). Partindo de tal premissa, a égide social se modifica, nesse contexto prismático, a cultura não é vista como uma realidade totalitária global, essa é um conjunto singular, diverso e infinito que carrega

gravado em sua epiderme, as particularidades do lugar e do seu grupo que se entrelaçam de modo simbiótico e estão em constante reconstrução.

A emergência de uma nova Geografia Cultural, vem como resposta à implosão das fronteiras intelectuais, posteriormente trabalhadas pautadas no historicismo. Os estudos da nova geografia à história são substituídos pela memória, pautando-se assim na interconexão do passado com o presente. Segundo Cosgrove (1999, p. 23), “[...] a memória e o desejo constituem a temporalidade através da qual os lugares emergem como fenômenos vividos e significados”. Desse modo, as memórias são importantes agentes de constituição de identidade e de lugar.

O lugar passa a apresentar uma alma pulsante, que se mistura com a vida cotidiana dos indivíduos. Nesse contexto, Cosgrove (1999) destaca que o lugar é múltiplo, sendo ao mesmo tempo, contínuo e descontínuo, fragmentado e articulado, singular e universal, ou seja, uma colcha de retalhos em constante entrelinhamento. De maneira que, conceitos como o de paisagem, ganham um novo prisma, essa começa a ser entendida de modo simbiótico, a produzir afetações e ser afetada, de modo a refletir os anseios das populações, identidades, histórias, memórias e experiências em constante transmutação. Portanto, “[...] a paisagem é geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre” (Dardel, 2011 p.30).

Assim sendo, a perspectiva cultural trata a paisagens crivada pela complexidade. Essa que se afasta das nuances naturalistas a qual era pautada posteriormente na geografia alemã e americana e passou a ser vinculadas às intervenções antropológicas, como por exemplo os grandes centros urbanos, as indústrias, os fluxos de pessoas e veículos, os centros comerciais, a arte e cultura que se unem ao escrever na morfologia da paisagem às vivências e geo-histórias dos indivíduos. Desse modo, na visão de Serpa (2021) a paisagem:

Não é simplesmente uma relação entre um sujeito e um objeto, ou melhor, um conjunto de objetos como é mais apropriada para a definição de “paisagem”, mas, sobretudo, uma relação entre sujeitos que intersubjetivamente relacionam objetos constituindo paisagens como ‘universos’ (Serpa, 2021, p. 25)

Diante do quadro que se impõe na contemporaneidade, a paisagem ganha contornos ainda mais dramáticos devido à polissemia e à fluidez do conceito. Consoante a isso, Claval

(1999) destaca que a Geografia Cultural busca resolver os problemas de métodos herdados do positivismo. Sendo assim, a abordagem cultural "[...] sublinha o papel da comunicação na aquisição da bagagem de *savoir-faire*, de atitudes de conhecimentos e crenças de cada um" (Claval, 1999, p. 60). Destaca-se ainda, a valorização das intersubjetividades, isto é, as afetações que são recebidas, expressadas e assimiladas pelos indivíduos. Vale ressaltar que tal processo é determinado pelas nuances espaço-temporal a qual indivíduo está inserido.

O lugar é embebido de sensações, vivências e vibrações que passam a construir a percepção ambiental do indivíduo. Posto isso, se faz possível evidenciar que "[...] na concepção relacional da cultura, o indivíduo não a recebe como um conjunto já pronto: ele constrói através das redes de contatos nas quais ele se acha inserido, e pelas quais recebe informações, códigos e sinais" (Claval, 1999, p. 65). Logo, a cultura evolui de acordo com as redes a qual essa está interconectada, nesse sentido, a geografia cultural está diretamente ligada a descoberta do mundo, não na premissa de epopeia como era tratada na Geografia Tradicional, mas ligada ao espaço e seus habitantes como seres abstratos que são atravessados por desejos, vivências, saberes, quereres, medos e crenças. Tal quadro, demonstra-nos a profundidade e a dinamicidade a qual a Geografia Cultural vem se debruçando.

Fenomenologia: Encadeamento com a essência do lugar

A fenomenologia, enquanto termo científico, surge com Immanuel Kant (1728-1777), sendo destacado como *phaenomenologia generalis*, que indicava o preceder à metafísica. O termo é novamente utilizado em 1772 na Carta a Marcus Herz. O filósofo dá a palavra um sentido rígido, sendo esse o da função do espírito e a estruturação do sujeito. Contudo, o termo é ressignificado na obra Fenomenologia do Espírito (1807) escrita por Hegel, em que ele é associado a uma corrente filosófica da experiência e da consciência do ser. Apesar disso, apenas com as noções esboçadas por Edmund Husserl que o método fenomenológico vem a se estruturar e ser a partir do século XX (Siani, Corrêa, La Casas, 2016).

Ao observar o contexto da ciência geográfica, se vê o alvorecer dos estudos fenomenológicos apenas em 1973, com a tese intitulada *The Phenomenon of Place* de Relph,

por meio das ideias propostas por Dardel, em que mais tarde viria a compor o livro *Place and Placelessness*¹⁴, sendo considerado um marco na geografia humanista para a renovação do conceito de lugar.

Nesta obra, o lugar vai representar um papel fundamental no sentido em que é visto enquanto um “[...] modo particular de relacionar com as diversas experiências de espaço”, isto é, “[...] o significado do espaço, em particular do espaço vivido, provém dos lugares existenciais de nossa experiência imediata” (Holzer, 2011, p. 143). Nesse processo, é gestada a visão de que o mundo em suas singularidades é apreendido pelos sujeitos por meio dos sentidos, os quais sendo subjetivos, traçam, nesse mesmo modo, as relações com o que foi experienciando. Portanto, o mundo percebido pelo indivíduo é abstrato, dado que o que se conhece torna-se embebido por convicções fruto da vivência de determinado grupo ou sujeito (Tuan, 1980).

Desse modo, pode-se compreender de acordo com o que é por Yi Fu Tuan “[...] o lugar é espaço de pausa” (1983, p. 8), na medida em que ele carrega consigo essa capacidade de transmutação dos movimentos espaciais em estabilidade e pertencimento. Isso porque é por meio do pertencimento que as pessoas constroem sua realidade (Tuan, 1983) e é com os simbolismos atribuídos aos espaços que se apropriam dela.

Por isto que ao se refletir sobre o que é o lugar e os significados que são cravados em seu cerne, inúmeras imagens associadas a memórias e intersubjetividades emergem em nossas mentes. Como por exemplo, a casa da avó e aquele prato especial que era direcionado para seu neto; o barzinho, o qual ocorria o encontro rotineiro com os amigos, os quais sentavam-se tomavam uma cerveja e conversavam sobre os percalços e conquistas cotidianas; aquele cheiro de pipoca doce que remete o parquinho a qual ia-se com os pais ao domingo. De acordo com Marandola Junior (2012), tal processo ocorre pois:

[...] lugares significados pela experiência adensada pela memória compartilhada, com um toque de nostalgia. Mas é também o lugar do encontro, onde um grupo se reúne, manifestando no corpo sua coletividade, que se fortalece a partir de lugares onde podem relacionar-se sem se explicar. (Marandola Junior, 2012, p. 228).

¹⁴ *Place and Placelessness*, por Edward Relph, SAGE Publications Ltd, 1976.

Sendo assim, o lugar não possui uma escala e/ou temporalidade definida, na visão de Marandola Junior (2012, p. 229) “[...] o tempo é vivido como memória, e por isso memória e identidade adensam o lugar[...]”, nessa conjuntura torna-se mais corriqueiro associar o lugar a experiências passadas, o lugar da infância, o lugar de lembranças. Ou seja, há uma ligação com experiências e tradições, que promovem o enraizamento rizomático do indivíduo com o espaço ditado pelo ritmo lento do viver e sentir.

Essa ligação do sujeito ao lugar proporciona a vivacidade do mundo e concerne a ele um conjunto de significações e simbologias frutos da experiência do indivíduo (Tuan, 1983). Nesse sentido, um mesmo lugar propicia aos sujeitos diferentes sensações e concepções sobre ele, de forma que as nuances espaciais particulares são viabilizadas por meio de tal conceito, devido a essa sua característica permeada por uma especificidade (Tuan, 1983).

À vista disso, que essa perspectiva nos últimos anos vem sofrendo muitos ataques, sobre a imputação de que o lugar é visto de modo essencialista, o que seria insuficiente para pensar o lugar no mundo contemporâneo, marcados pela fluidez, imediatismo e transformações. Segundo Marandola Junior (2012, p. 229) “[...] essas críticas partem das mesmas pessoas que defendem a relatividade da espacialidade (nas ciências sociais) e a sobreposição de ordens e lógicas globalizantes sobre dinâmicas locais”. Ou seja, esse é um novo enroupamento do embate localismo x globalização.

Portanto, o lugar trata da mundialidade do dia a dia, sendo essencial para pensar o ser- no-mundo, sua essência e existência. Dessa forma, o lugar é “inalienável e, portanto, permanece como fundante da nossa experiência contemporânea, independente das transformações socioespaciais” Marandola Junior (2012, p. 230). Nesse quadro, o lugar não representa a estaticidade, esse é dinâmico, fluido e está em constante reconstrução e transformação, carregando tatuado em suas entrelinhas do vivido a essência do ser e estar no mundo, o lugar é a vida pulsante que se constrói no cotidiano vivido, que é afetado e promove afetações e circunstancialidade e complexidade.

A Geografia Cultural sob uma perspectiva radical: as contribuições de Cosgrove

Constantemente, a Geografia Cultural se vê correlacionada ao método fenomenológico, realizando por meio desse diálogo, uma busca pela essência do objeto, ou seja, dos lugares existenciais e sua conexão com a experiência social. Contudo, para o geógrafo Denis Cosgrove (2011) algumas especificidades da abordagem cultural escapam dessa análise. É com base nisso, que ele pontua que para se entender a completude dessa perspectiva, o método dialético se faz enquanto uma nova proposta a ser pensada, dado que se deve pensar na dinâmica dialética entre cultura e natureza, assim como atribuir uma visibilidade na forma em como os modos de produção atuam em uma sociedade segmentada em classes sociais.

Dessa forma, um elemento que escapa à análise geográfica cultura é a correlação entre a “[...] sensibilidade e a compreensão do significado dos lugares na teoria marxista”, sendo essa uma “[...] contribuição inestimável” para tal abordagem (Cosgrove, 2011, p. 8). Isso porque, em sua visão, tais processos partilham diversas similaridades em suas abordagens, uma vez que a cultural e, por conseguinte o elemento identitário, permeia significados específicos proporcionados por sociedade de classes (Cosgrove, 2011).

Neste caso, a cultura assume o papel proveniente do modo de vida dominante, ou seja, a expressão das classes que possuem maior capacidade de influência nos aspectos culturais globais de forma a viabilizar uma forma de hegemonização da forma de expressão dos demais sujeitos (Cosgrove, 2011).

Portanto, a cultura enquanto produto humano é também uma produção material de bens que possui uma intencionalidade, no sentido em que ela não se encontra separada ou isolada dos interesses das classes (Cosgrove, 2011). É nesse caminho, que a produção de “modos de vida” ou de mercadorias que fomentam a ideia prevalecente buscam ocultar as relações sociais de desigualdade socioespacial. Os produtos, objetos e lugares possuem um valor atribuído que não é apenas o de uso, mas simbólico, pela classe dominante é comprado pelas demais (Cosgrove, 2011), dado que determinado grupo social busca se inserir por meio do poder aquisitivo. Portanto,

[...] a cultura hegemônica é um instrumento estruturado e estruturante de conhecimento e comunicação, senso comum e a base da ordem moral. Na

sociedade de classes ela cumpre um papel político de impor e legitimar a dominação de classes (Cosgrove, 2011, p. 15).

Nesse processo interpretativo, a se fundamenta uma indústria cultural articulada que fomenta reiteradamente um fetichismo da mercadoria, na medida em que a complexidade de tal processo se reflete nas expressões dos modos de vida historicamente colocados (Cosgrove, 2011, p. 16). E este é, para o geógrafo Cosgrove, um papel a ser desempenhado pela Geografia Cultural, no sentido em que se deve por meio da “[...] incorporação do espaço aos códigos simbólicos através da produção cultural” entender a forma de atuação das classes hegemônicas no intuito de dar legitimidade e continuidade a proeminência.

Considerações Finais

Tendo em vista o panorama aqui delineado, se faz possível entender que a abordagem cultural na Geografia é ampla e experienciou ao longo de seu processo formativo, conjuntos significativos de contribuições que em uma mesma medida se complementam e contrapõem, propiciando a ela uma constante transfiguração, sem renegar seu elemento central. Tal pesquisa teve como seu objetivo refletir sobre o percurso epistemológico da Geografia Cultural e as atuais reverberações, não se prendendo a uma linearidade de correntes, evidenciando que a “forma de pensar da Geografia Cultural” sempre esteve matizada nas ciências geográficas desde as escolas clássicas.

Logo, a evidenciou-se uma “nova” abordagem que não prende a Geografia Cultural em um espectro linear de correntes, a perspectiva aqui evidenciada esgarça e ultrapassa o pensamento de sobreposições de ideias, defendemos a existências de um ecúmeno complexo e contraditório que retroalimenta-se dos des-encontros espaciais. Desde os pioneiros, como Dardel em o celebre “O homem e a terra: natureza da realidade geográfica”, representa uma modificação no paradigma analítico do espaço, mesmo que esse tenha passado anos desacreditado, até ganhar a relevância que apresenta na atualidade.

A Geografia Cultural é perpassada por múltiplas transformações dentre essas, chama-se atenção para Sauer e a perspectiva ambiental pautada em uma concepção histórico-cultural, que passou por inúmeras críticas que corroboraram para a fomentação da nova

Geografia Cultural, a qual visa privilegiar as nuances socioespaciais do vivido, dando ênfase às subjetividades humanas e o complexo quadro do viver e sentir o mundo.

No hodierno a nova Geografia Cultural, enfrenta algumas críticas e é acusada de ser puramente essencialista, de acordo com os críticos no atual cenário mundial marcado pela emergência da rapidez, com relações cada vez mais líquidas característica da globalização, o lugar marcado pelos sentimentos estaria fadado a desaparecer. Entretanto, tal afirmação vem-se mostrando cada vez mais infundado, tendo em vista a resistência dos poderes sócio-culturais locais a tal processo de supressão, podemos ainda citar Deleuze e Guattari e a ideia de rizoma, isso é homem, então o atual cenário há a interplaneritização do ser, há também a possibilidade de criação de rizoma nessa escala. Nesse sentido, o lugar ganha múltiplos sentidos e significado e mostra cada vez mais sua força, frente às adversidades que se verticalizam na tentativa de homogeneização.

Por fim, a abordagem evidenciada no artigo visa tecer uma teia de interconexão do pensamento culturalista, iniciando na escola de Berkeley até a Nova Geografia Cultural. Entretanto, entendemos que o espaço é múltiplo e funciona por co-existências de modo de pensamento científico, indo além das aceções e dissoluções e tal perspectiva foi aqui suscitada.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, 1977.
- BESSE, J. Geografia e existência, a partir da obra de Eric Dardel. *in*: DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 111-140.
- CLAVAL, P. “A volta do cultural” na geografia. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002. p. 19-28.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.
- CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. *in*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999. p. 55-97.
- CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. Tradução: Margareth de Castro Afeche Pimenta, Joana Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011.

CLAVAL, P. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. *in*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 35-86.

CORRÊA, R. L. (org.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001a.

CORRÊA, R. L. Carl Sauer e a Escola de Berkeley: uma apreciação. *in*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001b.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia cultural: introduzindo a temática, os textos e uma agenda. *in*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à geografia cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 9-18.

COSGROVE, D. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. *in*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à geografia cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 103-134.

COSGROVE, D. Geografia cultural do milênio. *in*: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ. 1999. p. 55-97.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HARTSHORNE, R. (1939). The Nature of Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 29, No. 3-4, Lancaster, 1939.

HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. *in*: DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 141-154.

HOLZER, W. Nossos clássicos: Carl Sauer (1889-1975). **GEOgraphia**. v. 2, n. 4, p. 135-136, 16 set. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13391>>. Acesso em: 28 de jun. 2022.

MARANDOLA JUNIOR, E. (org.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Pespectivas, 2012.

MATHEWSON, K.; SEEMANN, J. A geografia histórico-cultural da escola de Berkeley um precursor ao surgimento da história ambiental. **Varia Historia**. Belo Horizonte, v. 24, n. 39: p. 71-85, jan./jun., 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/vh/a/ZzcgFQqLWJtxSWdrH8HKXPM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. *in*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 12-74.

SAUER, C. O. Geografia cultural. *in*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Introdução à geografia cultural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2021.

SIANI, S. R.; CORRÊA, D. A.; LAS CASAS, A. L. Fenomenologia, método fenomenológico e pesquisa empírica: o instigante universo da construção de conhecimento esquadrihada na experiência de vida. **Revista de Administração da Unimep**. v. 14, n. 1, jan./abr., p. 193-219, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2737/273745301008.pdf>>. Acesso em: 28 de jun. 2022.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.